

FISIOLOGIAS

Lopes de Mendonça

“FISIOLOGIA” À PORTUGUESA EM FOLHETIM¹

Maria João Simões

CLP – Universidade de Coimbra

A turbulência que caracterizou a primeira metade do século XIX português, quer do ponto de vista político, quer do ponto de vista social, não deixou de atingir o meio cultural, o qual, pelas interações reversivas e complexas do tecido social, foi também responsável pelas mudanças político-sociais. O escritor António Pedro Lopes de Mendonça foi, neste sentido, filho da sua época, absorvendo e incorporando estas mudanças, sempre muito atento a novas situações, novas figuras e novas ideias. Influenciado pelo ideário da Revolução Francesa e pelas revoluções que lhe sucederam, foi um difusor das novas ideias socialistas, sendo recordado como co-fundador do jornal *O Eco dos Operários*. Este espírito revolucionário surge, no entanto, permeado de um idealismo de proveniência romântica que atinge muitas das suas personagens, entre as quais se destaca Maurício, o protagonista do romance *Memórias de um Doido*. Trata-se de uma personagem em luta contra a sociedade burguesa, declarada insensível ao talento e às qualidades singulares do homem letrado, que pretende reconhecimento social. Este conflito é evidenciado no romance, mas a ele se

¹ Agradecemos à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e, em especial ao seu Diretor Adjunto, Dr. Maia do Amaral, a gentileza de nos terem sido disponibilizados os textos que aqui se apresentam na secção Arquivo.

juntam elementos de feição ainda romântica — tais como a dicotomia mulher fatal *versus* mulher ideal, o sentimentalismo exacerbado e a oposição entre o burguês materialista e o idealista ou o revolucionário sonhador. O romance revela alguma preocupação realista através do tratamento do mundo contemporâneo, da representação de ambientes degradados ou de vício (como as casas de má fama ou do jogo) e mesmo através da amostragem de meios mais proletários. Deste modo, este romance integra, juntamente com outras ficções de Teixeira de Vasconcelos e D. João de Azevedo, a mudança para temas contemporâneos verificada na ficção do final da primeira metade do século XIX. Ainda cheia de contradições e de hesitações, esta geração prepara o público para a ficção realista que se irá desenvolver a partir da década de 70, revelando já alguma análise social do mundo burguês, ainda que incipiente. É dentro desta linha que se inserem as populares fisiologias. Balzac com a *Fisiologia do Casamento*, delimitada em 1825 e publicada em 1830 (cf. Sieburth, 1985: 40) e Brillât-Savari com a *Fisiologia do gosto*, publicada em 1826, iniciam este tipo de publicações, cujo valor comercial os editores coevos souberam explorar, publicando, neste filão genológico, centenas de pequenas brochuras profusamente ilustradas.

Atento a esta produção e às suas virtualidades críticas, Lopes de Mendonça aproveita o espaço do folhetim do jornal *A Revolução de Setembro* (e também d’*O Eco dos Operários*) para esquisar, em breves traços, características de certos ambientes e de determinados tipos portugueses em várias “Fisiologias”, de entre as quais se divulgam aqui as seguintes:

“Fisiologia do Teatro de S. Carlos, parte I”, in *A Revolução de Setembro*, 2090, 3 março, 1849, p. 1-3;

“Fisiologia do Teatro de S. Carlos, parte II”, in *A Revolução de Setembro*, 2096, 10 março, 1949, pp. 1-3;

- “Fisiologia dos Bailes”, in *A Revolução de Setembro*, 2084, 24 fevereiro, 1849, pp. 1-2;
- “Fisiologia do Spleen”, in *A Revolução de Setembro*, 2750, 24 de maio de 1851, pp. 1-3;
- “Fisiologia do Ordeiro”, in *A Revolução de Setembro*, nº 2761, 7 de junho de 1851, pp. 1-3.

Como acentua Sieburth Richard, as fisiologias constituem um produto cultural destinado ao “consumo de massas”, o qual se insere no que Walter Benjamim denominou de “literatura panorâmica”, sendo mais um dos frutos do desenvolvimento da imprensa com a subsequente transformação do livro em mercadoria (Sieburth, 1985: 42). Embora a designação “fisiologia” revele a influência das convicções científicas coevas, de entre as quais se destaca a ideia de que os traços exteriores do homem são sinais infalíveis do seu ser interno (segundo as teorias de Bichat, Lavater e outros cientistas), na realidade, o carácter especulativo destas ideias dificilmente se poderá considerar científico pelos padrões atuais (Santana, 2008: 56), estando ainda longe da lógica experimentalista que caracterizará o tratamento literário das questões científicas nas obras naturalistas nas décadas de 70 e 80 do século XIX.

Na verdade, as “Fisiologias” de Lopes de Mendonça, bem como o seu romance, inserem-se no “Romantismo social”, tal como o caracterizou Roger Picard, na medida em que “propagam com ardor a ideia de que a sociedade deve ser refeita e que só a fraternidade e a justiça podem cumprir essa tarefa” (Picard, 1944: 200). Mas, para alcançar a mudança, o romancista social será não só uma boa testemunha da sua época, mas servirá ainda de agente na propaganda destinada a mostrar aos contemporâneos as crenças, os hábitos e os costumes que devem mudar e evoluir por se encontrarem obsoletos e ridículos. Será este modo de sentir que inculcará o sentido crítico

das “Fisiologias”.

Uma pergunta ficará então a pairar: por que meios e por que modos as fisiologias são precursoras da veia satírica realista? Pelo menos de duas maneiras escoradas, pelo menos, por duas estratégias. Relativamente às primeiras serão relevantes a utilização do processo tipificador conducente ao ‘tipo’ e ainda o aproveitamento da descrição; quanto às estratégias, destacam-se o procedimento da caricatura e o viés cómico-satírico coadjuvante da crítica pretendida.

Quando se tipifica mobilizam-se procedimentos similares aos da estereotipização com o seu processo categorial *top-down* e a sua perspetiva afastada que permite eliminar diferenças e enfatizar semelhanças; por seu turno, a descrição permite elencar características, escolher pormenores representativos e apontar alguma parca variabilidade nas margens daquilo que se pode considerar o núcleo ou cerne de todo e qualquer ‘tipo’. Isto mesmo se evidencia, por exemplo, na “Fisiologia do ordeiro”, onde escritor caracteriza o político ou o apoiante político amigo da ‘ordem’ como um “empreiteiro da salvação da pátria” que abomina a anarquia, sendo, ao mesmo tempo um “verdadeiro camaleão político” porque vive subjugado ao medo do caos. Distingue-se, porém, uma certa variedade neste ‘tipo’, que vai do ordeiro “legítimo”, “puro sangue”, “caturra”, mas “cortesão”, até ao ordeiro sabido, cheio “de manha”, sempre de mãos dadas com os homens do dinheiro e sempre à espera de alguma confusão política para acrescentar algo ao seu conforto, contando ainda com o ordeiro “governamental” que não sonha nem pensa, e, também, com o ordeiro “de boa fé”, sem visão nem força política, que apenas sustenta os outros. Ainda que de forma mais rápida, o mesmo procedimento aplica-se às mulheres na “Fisiologias dos bailes”, apontando o tipo da jovem casadoira nas suas variantes.

Grande aliada do processo descritivo é a comparação que permite estabelecer afiliações e destrinças taxonómicas — um processo

explicitamente utilizado quando Lopes de Mendonça caracteriza o *spleen* português como filho “mais prosaico” do *spleen* inglês, distinguindo-o da melancolia e da saudade.

Ilustra ainda o procedimento descritivo, a enumeração que o escritor faz dos diferentes tipos de espetadores do Teatro de S. Carlos, promovendo uma singular geocrítica da relação entre espaços e posições sociais, mostrando, através de pormenores emblemáticos, como a ocupação dos diferentes espaços revela o estatuto socioeconómico das ocupantes. Assim, por exemplo, nas frisas e nos camarotes de primeira ordem predominam as *toilettes* mais frescas, nos camarotes de segunda ordem avultam os xailes, nos camarotes de terceira ordem ganham destaque os lenços e mais acima ainda, nas torrinhãs, predomina uma alegre confusão!

O recurso à caricatura aparece também como um movimento estratégico para traçar diferenças e estabelecer taxonomias que o público facilmente reconhece, como acontece no exagero caricatural do desenho dos diversos “ordeiros”, na configuração do galanteador “*homme à femmes*”, naturalizado português como uma espécie de pinga-amor, ou, ainda, nas representações caricaturais da *prima-donna* e da bailarina, na “Fisiologia do Teatro de S. Carlos”. Surge ainda, por empréstimo, a referência ao *macarroni* — essa personagem antecedente do dândi, cujas ilustrações e caricaturas faziam as delícias da imprensa satírica inglesa do final do século XVIII.

Aliás, as referências à origem inglesa do *comfortable* e do materialismo burguês são múltiplas, explorando o folhetinista, de modo certo, o viés cómico, adjuvante da sátira no concernente à crítica pretendida. É neste tom que o escritor explica ao seu leitor a contradição entre o alastramento (pandémico?) do *spleen* e a consideração de uma Inglaterra “muito feliz”, considerando a “civilização material a melhor descoberta que se fez depois dos *para-raios* e do *macarroni*”. A rápida conexão, feita pelo autor, entre o frio metal do objeto

utilitário e a artificialidade estética ostentatória do janota erige-se, de facto, como elemento cómico. Cómicos são também os diálogos entabulados entre os cavalheiros e as senhoras durante o baile, evidenciando a falta de cultura das jovens elegantes portuguesas.

Se parece lógico que esta feição cómica das fisiologias lhes confira essa “bonomia da sátira” identificada por Walter Benjamin, já parece mais difícil aceitar que as fisiologias sejam inteiramente inócuas em termos críticos. O filósofo Benjamin estabelece esta avaliação para a opor ao sentido fortemente disruptivo do grotesco baudelairiano (cf. Sieburth, 1985: 45). Contudo, tanto a subversão causada pela profunda estranheza que o grotesco instaura, quanto a subversão que o sarcasmo carrega em si mesmo, não eliminam necessariamente a capacidade derrogadora do cómico ligeiro e mais leve, o qual não deixa de atingir os seus alvos. O potencial crítico das zonas de maior leveza cómico-satírica expõe e exige, isso sim, a variegada gama das tonalidades do satírico.

Tal não impede, porém, de reconhecer que a crítica presente nas fisiologias é pouco coerente, dadas as suas concessões ao gosto das massas a que pertencem os seus leitores. Na vontade de agradar e pela necessidade de ser lido para sobreviver tenta-se não ferir suscetibilidade atenuando e floreando algumas críticas. Esta contradição é, ao fim ao cabo, inerente à própria pequena burguesia, muito próxima do operariado, mas não lhe pertencendo, nem pelo estatuto, nem pelos gostos e mesmo execrando a sua mediocridade. É neste sentido que se pode entender o que Lopes de Mendonça designa pela “viagem ao [seu] mundo ideal” que a arte lírica pode proporcionar, como se pode também perceber a embriaguez que a música lhe provoca.

Apesar das múltiplas contradições, há um alvo sempre certo e recorrente na crítica do escritor: o homem do dinheiro, o capitalista, o burguês endinheirado, epitomizado no agiota. Sendo uma personagem recorrente no teatro da sua época (cf. França, 1976: 54), a figura

do capitalista é bem fustigada nas peças e no romance de Lopes de Mendonça e, por maioria de razão também o é nas suas fisiologias. Mas este ódio ao burguês estende-se também às questões estéticas e do gosto — o que fica bem patente quando, na “Fisiologia do Teatro de S. Carlos”, afirma: “Eu detesto as criações burguesas. O burguês por via de regra não tem imaginação. Quer construir um templo, e constrói um viveiro de canários; tenta fazer um palácio, e sai-lhe uma gaiola”.

Pela sua capacidade antecipatória em termos de visão crítica, vale a pena conhecer as “Fisiologias” de António Pedro Lopes de Mendonça, pois não só elas iluminaram e esclareceram o público coevo, como nos permitem passear imaginativamente por entre diversos ‘tipos’ que marcaram a década de 50 do século XIX em Portugal, dada a vivacidade com que eles nos são apresentados pelo escritor.

FRANÇA, José-Augusto (1976). “A ‘fisiologia’ do capitalista no teatro do primeiro período do Fontismo”, in *Colóquio Letras*, nº 30, Março de 1976, pp. 52-60.

PICARD, Roger (1944). *Le Romantisme Social*, New York, Brentano’s.

SANTANA, Maria Helena (2007) *Literatura e Ciência na Ficção do Século XIX*, Lisboa, IN-CM.

SIEBURTH, Richard (1985). “Une idéologie du lisible: le phénomène des ‘Physiologies’”, in *Romantisme*, 47, pp. 39-60.

SIMÕES, Maria João (2003). “António Pedro Lopes de Mendonça”, in *História da Literatura Portuguesa. O Romantismo*, Vol. 4, Lisboa, Alfa, pp. 323-342.

FOLHETIM.**REVISTA DE LISBOA.****PHYSIOLOGIA DO THEATRO DE S. CARLOS.****I.**

Eu gósto da opera lyrica. Nasci com uma pessia a voz, com um ouvido que não é dos mais felizes; e morro pela musica. A. Dumas já disse n'alguma parte, que a musica era o som que menos o incommodava. Foi prurido de fazer espirito. A poesia dos sons não é das que impressiona menos a alma. E depois um homem não póde ter rasão contra todo o mundo. Eu já vi o *Bambaré* dos pretos na costa d'Africa, e as canções melancolicas dos *cabindas*, mais d'uma vez me fizeram assommar as lagrimas aos olhos. Ora, uma arte que impressiona desde o preto selvagem até ao aristocratico *dilettanti* da grande opera em Paris, não póde merecer o desdem d'um escriptor. Eu explico o dito do romancista — dramaturgo, como despeito da concurrencia. A musica prejudica os seus direitos d'auctor nos theatros de declamação, e talvez Bellini, Donizzetti, Berlioz, que sei eu? — lhe tiraram do lance alguma belleza preferida.

Concordemos n'um ponto, é que Lisboa sem theatros de canto era mais insipida do que uma aldêa. Aonde se havia de passar as noutes de inverno? O *whist* é um jogo scientifico — o voltarete um jogo *caturra* — o cacino é a quinta essencia da insipidez: jogar o sizudo com a familia

não está em moda: e depois do estabelecimento das sociedades de temperança, um *janota* não pôde decentemente vêr o fundo a uma garrafa de *cognac*, ou a um frasco de *Marasquino*.

O *tête-à-tête* é uma coisa deliciosa, mas tem o inconveniente de não poder ser eterno. As conversações intimas são demasiadamente patriarchaes: e a final, as phantasias n'um piano não contentam um ouvido, por pouca ambição que elle tenha. N'isso, e talvez só n'isso, somos de voto d'umas pessoas, que frequentam assiduamente o theatro.

Eu bem sei que a minha opinião afflige sinceramente a democracia do *caldo negro*. Essa quer reduzir a civilisação ás sombrinhas d'um *polichinello*, á brôa assalvajada do trabalhador, á carreta puchada a bois d'um lavrador mais abastado, ao vestido de chita, e ás roupinhas de baeta d'uma deslavada belleza da Borda d'agua, á viola desafinada do Figaro d'aldêa, e á sumptuosa litteratura da cartilha do Mestre Ignacio, em pardo papel, e em alambasadas vinhetas. Mas eu tenho humildemente a recordar-lhe, que os Batuecas de Mad. de *Genlis* é uma utopia ridicula — a felicidade patriarchal do valle de Andorra, uma bemaventurança muito contestavel, e que a propria Sparta não obedeceu por muito tempo ás leis caprichosas do famoso legislador Lycurgo.

Não ha senão duas maneiras de conceber a existencia; ou como um meio de satisfazer os desejos do pensamento,

ou como uma expiação preparatoria para uma vida melhor. Nesse ponto Lucullo é tão egoista, como o mais ascetico cenobita dos primeiros tempos da igreja.

Assim como o homem, a sociedade só tem dois estados possiveis—o selvagem, ou o civilisado. Ou hade correr de progresso em progresso, ou hade restringir se dentro do circulo mesquinho das necessidades primitivas. Aceito o facto da civilisação, as leis sumptuarias são um despotismo esteril: tratai de distribuir melhor os productos—de alargar os gosos por todas as classes, mas não queirais condemnar-me, a mim, que nasci com um ouvido ambicioso, a estorcer-me, em espasmos de fingida admiração, diante da guitarra d'um barbeiro philarmonico.

Por exemplo, o talentoso folhetinista do *Estandarte*, só lhe socegam os nervos tocando a marcha funebre de Saul no seu piano. Eu confesso ter os nervos mais susceptiveis. Um piano é pouco—quero uma orquestra. Quero apaixonar-me com as inspirações de Bellini, quero acordar do meu aborrecimento habitual aos maviosos *crescendo* de Rossini, quero embalar a alma aos opulentos motivos de Donizzetti; quero admirar os finaes, tão artisticamente combinados, de Verdi; quero finalmente affinar os nervos quasi sempre destemperados ao ver os tolos dominando as cousas da minha terra.

Uma grande verdade é que ha certos homens que não vivem no mundo, aonde os atirou o destino. Criam um

mundo na sua imaginação, e só vivem, quando se aproximam d'elle. Um dos pontos por onde o meu mundo toca o mundo real, é pela musica. Quando a orchestra, e os córos estão em concordancia, quando a sr.^a Gresti, o sr. Fiori, o sr. Volpini, e o sr. Baldanza, estão nos seus dias felizes, quando o sr. Cairo não tem que fazer de espectro, nem o sr. Bruni, de principe real, quando a sr.^a Clementina está no camarote 73, digo adeus aos barões e commendadores, que me apparecem de todos os lados, e vou fazer uma viagem ao meu mundo ideal, montado no hypogripho fantastico: então, não me lembra que ha camara, que temos ministros, que possuímos uma náó para amostra, que se faz serviço nos batalhões nacionaes, que se paga por quinzenas, que ha sebastianistas de ilha encantada, e de ilha desencantada; embriago-me na harmonia, esqueço-me, goso, vivo!

A' vista das rasões geraes, e do meu caso especial, voto pelo theatro de S. Carlos. Feita esta concessão posso sem inconveniente explicar os mysterios intimos dos bastidores, e da dupla representação que diariamente se succede. Representação no palco, e representação na platéa, e nos camarotes. Esforço milagroso de imaginação d'ambos os lados. Quando o sr. Fiori se apresenta rei d'Escocia, dará mais tratos ao seu espirito do que um elegante suppondo-se o objecto de seis paixões ardentes, e fataes?

O theatro, nos dias ordinarios, está de cór e salteado

na memoria do *habitué*. A' excepção de tres ou quatro camarotes, apparecem as mesmas phisionomias, com o mesmo sorriso, lançando o oculo do mesmo modo, escabeceando irrevogavelmente á mesma hora. Ha senhoras até que copiaram *d'après nature* a immobildade das duas estatuas *Virtus et Mores*. Os modelos honram excessivamente as suas pro-pensões moraes, mas desesperam infinitamente os infelizes que presam o movimento.

Na platéa, acontece o mesmo. Tudo está regulado, distribuido, ordenado, *casé*. A ala dos namorados estende-se do lado direito em perfeita linha de atiradores. O *dilettante* anti diluviano encosta se inflexivelmente ao roda-pé das frisas, e de vez em quando, julga ver em sonhos a inviolavel Catallani, o mimoso pé da Ida Sicard, e todos os portentos artisticos que debutaram alli até ao anno do Senhor de 1825.

O *dilettanti* da meia-idade, o entusiasta posthumo da Mattey, da Storti, da Galvi, da Boccabadati, senta-se do lado esquerdo, e faz uma careta desdenhosa a tudo quanto vê, e quanto ouve. A phrase habitual, com que castiga a mediocridade presente, é— *quem te viu, e quem te vê!* Dita ella, cruza gravemente as abas do *paleto*, affaga com saudade o sitio deserto, aonde em tempos felizes vegetava a mais opulenta cabelleira, e vai recordar o passado passeando pelo salão, que se conserva immutavel desde a fundação do theatro.

O salão é uma indecência tolerada. Eu acredito que a mais insignificante estrebaria dos membros do *Jockey's Club* é cem vezes mais habitavel do que aquelle immundo parallellogramo, allumiado por um lustre de luz duvidosa, com o tecto ennegrecido pelo fumo, com as paredes absurdamente sarapintadas, com portas d'um azul de hervanario de aldèa, com frisos de um branco ideal. E' por isso que a maior parte dos expectadores não fazem *toilette* para o theatro. Seria um luxo de discordancia.

A entrada para a platèa geral excede todos os limites do estreito. E' um agulheiro incommodo. Em dias de enchente um homem chega ao termo da viagem, com o chapéo achatado, com a sobrecasaca amarrotada, com a manta *rinzada* a capricho, com os collarinhos *ferrados* litteralmente, como em dia de furioso aguaceiro.

Entra-se finalmente no theatro, e a sensação que se experimenta nada tem de artistica. O theatro, considerado pelo lado dos ornatos, é *du dernier laid!*

Não admira que a belleza das senhoras esmoreça nas tintas sombrias daquelle malfadado amphitheatro. Os bancos são de pau, e d'uma côr baça, creada a grande desperdicio de fazendas inglezas. Ao mais leve rumor de pés, a poeira levanta-se em nevoeiros; felizmente a pateada, com uma soffrivel companhia, é um incidente rarissimo. O povo portuguez applaude por natureza, e educação.

E' força confessar, o provinciano acha aquillo magnifi-

co, o lisbonense está costumado a tudo, o homem de gosto resigna se. Escusam de invocar auctoridades contra a minha opinião: o theatro de S. Carlos como edificio pôde competir com muitos outros theatros, como *mise-en-scène*, está abaixo da critica. Com dez ou vinte contos de réis, despendidos com consciencia, fazia se daquillo uma cousa civilisada. Assim como está, é uma arribana filarmónica que indispõe qualquer estomago, por pouco susceptivel que elle seja.

A primeira cousa a eliminar eram as duas estatuas. Não só porque offendem a verosimilhança, mas porque ferem o bom gosto. A simplicidade é a maior das bellas, quando se não pôde attingir o sublime. Eu detesto as creações burguezas. O burguez por via de regra, não tem imaginação. Quer construir um templo, e construe um viveiro de canarios: tenta fazer um palacio, e sáe-lhe uma gaiola. Vejam a igreja da Encarnação, e o palacio do sr. barão da Junqueira. Cormenin já disse que o burguez por mais que se exalte, apenas chega á altura do seu gibão.

O que é a historia da administração municipal ha quinze annos salvo alguns intervallos lucidos?

E' a enthronisação das matronas serêas no desgraçoso tanque do Passeio Publico: é a construcção selvagem daquella cascata hibryda, são as pedrinhas do Rocio em furta-côres, é o garrote ás arvores para alojarem aquellas duas formosas mas monstruosas estatuas. O bello não consiste na quan-

tidade, mas na qualidade. Não se segue que pelo sr. vereador ter refeito o seu apetite n'uma peça succulenta de vacca, tenha por isso jantado bem. A aproximação, apesar de extravagante, tem uma grande cohesão logica. E' assim: querem encher-nos a vista, com satisfazem o estomago.

E o que tem o theatro de S. Carlos com estas divagações impertinentes? Tem muito, porque o theatro é o triumpho da materia sobre o espirito, a realisação involuntaria do mau gosto burguez, é a formula do nosso estado social, a combinação do desleixo, com o ridiculo.

Um homem collocado na platéa superior, olhando para os camarotes, dá de face com a tribuna, e não cæe desmaiado, tão poderosa é a acção do habito!

A tribuna é uma enorme sacada de veludo azul que occupa todo o fundo do theatro. E' um balcão de casa da camara de uma villa de segunda ordem, ornado para a procissão de *Corpus Christi*. E' uma excrescencia parasita, que protesta pela sua grandeza contra as proporções do theatro. E' uma cousa sem nome, um arbitrio de architectura, um mau pesadello artistico. E' uma usurpação escandalosa do primeiro sentido com que a natureza nos dotou — a vista. Seria talvez uma propheta politica do auctor, suppondo-a destinada para quem hoje a gosa de direito?

Os ornatos de folha de Flandres, esses dragões, ou não sei que bichos malfasejos se estendem pela frente dos camarotes, deviam ser destacados para a Costa d'África. Mereciam-

n'õ. Commettem ha muitos annos o inconcebivel attentado de distrahirem a attenção d'um oculo apaixonado. E o tecto? Nas nossas *ordenações* não ha pena possivel para aquelle bar-
baro amalgama de cores esdruxulas: reduzam-no a uma só
côr — estenda-se por ali a mais implacavel e civilisadora *ras-
padeira*.

Julgam por ventura que a *Cholera-Morbus* não hade vir ter comnosco? Hade vir, hade. Obriguem um infeliz por mais robusta que tenha a saude a habitar dentro do theatro, que no fim de um mez tem febre amarella. Um amarello continuo concita, requer a peste, a *cholera-morbus*, todas as epidemias imaginaveis.

E é disso que provem um certo progresso, diria melhor, desenvolvimento morbido nas senhoras. As nossas avós tinham *flato hysterico*, as elegantes do seculo dezoito usavam nas occasiões solemnes do desfallecimento gradual, hoje ha realmente o ataque de nervos e o desmaio.

Acreditem, minhas senhoras, o theatro de S. Carlos é cumplice nesta transformação da hypothese para a these. Evidentemente o que d'antes era um recurso sentimental (perdão do meu saudoso scepticismo!) é actualmente uma molestia conscienciosa.

A duvida já não é permittida depois da accumulção de disparates, com que fizeram de um bello edificio, a mais petulante provocação aos delicados e sublimes instinctos do bello sexo.

LOPES DE MENDONÇA.

FOLHETIM.**REVISTA DE LISBOA.****PHYSIOLOGIA DE S. CARLOS.****II.**

A nossa sociedade elegante deve viver n'um continuado martyrio, se possui por ventura algum leve impulso de imaginação.

Aqui suppõe-se um sacrilegio tudo o que consegue alterar a monotonia commoda da mediocridade. N'este paiz essencialmente vaidoso, avalia-se a commenda monstruosa pregada no peito, uma distincção superior ao sello da intelligencia gravado na phisionomia. Aqui, deve-se andar na algibeira com um documento de incapacidade, para se navegar a pano solto, entre as ondas adormecidas d'esta Babel ridicula. A palavra, como diz a philosophia sensata, fez-se para manifestar o nosso pensamento: como declara Talleyrand, para o esconder, como entende a seita triumphante na sociedade; para o deturpar.

As civilisações corrompidas morreram como a da Grecia, entre as palestras dos sophistas. Nós suicidamo-nos lentamente, nas ruidosas e estridentes gargalhadas d'uma parvoice official. A letra redonda manejada como elles a desejam, seria a morte de todo o espirito; a restauração sublime d'uma theologia fôfa, fanatica, e absurda. Para chegar-

mos á litteratura dos *novissimos do homem*, não valia a pena que Camões, Frei Luiz de Sousa, manifestassem ao mundo os prodigios do nosso engenho. Bastava que o *Relicario Angelico* se depurasse no mais deslavado mysticismq em edições incessantes, e que ao catholicismo verdadeiramente christão dos Chateaubriands, Lammenais, Lamartines, succedesse o escandaloso beaterio desses conventos corruidos de vicios, e de ignorancia, que convertiam a religião sublime de Jesus Christo, em um atroz plagiato dos bonsos da India, ou dos cafres e hotentotes da Africa selvagem.

Felizmente não hade ser assim. Não teremos um *Indice expurgatorio*, medido pela pequenezza das faculdades das Magdalenas arrependidas. Organise a estupidez um monstruoso *sabbat* com o fanatismo, decretem n'essas sinistras reuniões guerra eterna ao espirito humano, que a intelligencia hade triumphar.

Entretanto é bem incommoda esta vigilancia importuna da censura officiosa.

Imagina uma dançarina um mais rasgado *ballement*, e gritam: é immoral! Ha n'uma peça a intenção mais levemente duvidosa e repetem: é immoral! Apparece uma senhora com um degote menos orthodoxo e bradam: é indecente! Dança uma senhora, por esquecimento, duas contradanças com a mesma pessoa, e proclamam-na apaixonada. Um sorriso traduz-se por um *rendez-vous*; um dito amavel é uma

declaração, um olhar mais demorado commenta-se immediatamente como uma provocação sentimental. E' impossivel escapar ás ousadas conjecturas d'um mundo impertinente, curioso, maldizente, e hypocritamente austero.

O nosso amigo Antonio da Cunha, do folhetim do *Estandarte*, houve por bem apaixonar-se por uma *ella*, louvar uma *aquella*, e extasiar-se perante uma *esta*. E anda toda a gente a querer a formula do *x*, *y* e *z* da sua imaginação. E' contra todas as leis do bom gosto. Nós, por exemplo, havemos de dar traços geraes, e talvez queiram interpreta-los em ailusões malignas. Enganam-se; nunca nos sentimos mais dispostos a abençoar os defeitos do proximo. Estamos ameaçados até da molestia do doutor Pangloss, achamos este mundo o melhor de todos os mundos possiveis.

E é: uma vez que um homem se resigne a encolher os hombros a todos os *cancans*, a não se importar com as observações dos tolos, a rir se profundamente das defesas jesuiticas dos amigos, a achar os nossos *homens de estado* homens de governo, o nosso parlamento um congresso de legisladores, a suppor o nosso clima o melhor clima que existe, a liberdade de que gosamos um beneficio *maternal*, as nossas senhoras formosas como as *houris*, e espirituosas como um rancho de *Sevignés* ineditas, encontra a felicidade. Não hade ter *spleen*, nem ataque de nervos.

Por isso, eu declaro solemnemente que o theatro de S.

Carlos é escolhidamente concorrido. Nas frisas e na 1.^a ordem as *toilettes* são inimitaveis: os olhos geralmente são pretos, os labios côr de rosa, os cabellos de fada, os sorrisos angelicos, os gestos graciosos, os olhares apaixonados, tudo é de electrizar, de enthusiasmar, de endoudecer. São uma tribu d'Ellas, d'Estas, e d'Aquellas. Não lhe posso fazer maior elogio.

Na 2.^a ordem reina o chaile. Parece que quanto mais se sobe, maior frio se tem. O chaile não desenha, occulta as formas. E que tem isso? Eu acredito que debaixo daquellas fantasticas pregas, ha seios palpitantes, airosos talhos, cinturas de vespa, braços de contornos ideaes, *et cætera*. Um camarote é a cousa mais despotica que se conhece. Occulta a mulher, no maior fervor do desejo. Mas dá largas á fantasia.

Na 3.^a ordem, já desponta de espaço a espaço, o poetico canto do lenço branco, occultando pudicamente a frente da linda expectadora. Na 3.^a ordem o frio sóbe até á cabeça. Nas torrinhas, como o frio não póde subir mais alto, o oculo tambem apenas de leve desfructa aquelle montão de cabeças, avidamente debruçadas, e devorando em soffregos olhares a scena, a platéa, e os camarotes fronteiros.

O palco assemelha-se bem a um convez de uma não gigantesca. Em dias de manobra complicada, quando o asobio do compositor põe em movimento accelerado os com-

parsas, os carpinteiros, os serventes, parece aquillo tudo um *pandemonium*. Está um *dilettante* lançando a sua luneta para um grupo de graças, e de repente ameaça-o um bastidor, tenta fugir, e vai cair não nos braços, mas nos pés de uma dançarina, que se ensaia para entrar em scena. — Perdão! diz com um sorriso amavel a discipula de Terpsichore, apalpando o remendado sapato de setim.

Julgais acaso que a sóla delicada que se vos estampou no peito, ou na boca do estomago, é o *ciciar da aragem*, o *beijo apaixonado da brisa travessa*, o *suspiro embalsamado das auras bonançosas*? Enganais-vos: é todo o rigor da fórmula mathematica — a massa multiplicada pela velocidade — é um pé, aperfeiçoado pelo movimento, rijo, e fortemente musculoso como o d'um gageiro da gavia grande, em navio com sete viagens de *cabos a dentro*.

No seculo dezoito, os marquezes da regencia, não eram matriculados elegantes, sem haverem enriquecido um *rat* da opera, reduzido á miseria um usurario, e dado tres boas estocadas n'alguns duélos felizes. Em 1834 foi moda a primeira parte: hoje ainda continuaria, se não houvessem dois inconvenientes; o primeiro, é que ninguem se arruina, senão quem se póde arruinar: o segundo, é que o tempo transformou o corpo de baile n'uma respeitavel corporação dançante, que se meche com graça, que pula com valentia que corre com coragem, mas que merece uma ordem militar

pelos seus prolongados serviços. Fazem de nymphas, de silphydes, de musas, de walkiris, vestem-se de côr de laranja, de azul celeste, de vermelho, de castanho, mas a mudança de uniforme conquista-lhe palmas ás vezes, sem lhe accrescentar um unico adorador.

Os coros femininos, por via de regra, existem como me-ros instrumentos de canto. São peças de orchestra que usam da garganta como do tubo d'um órgão, e que para mostra-rem ao publico, que pertencem ao genero — bímmano — es-tendem alternadamente a mão direita, e a mão esquerda, abaixam a cabeça nas occasiões solemnes, e riem, como se confessam — ao menos uma vez cada anno. Até os camarins dessas deidades são no setimo ceo: e consta officialmente que nenhum *Titan* ainda os tentou escalar.

A dançarina é sociavel. Tem a lingua tão solta, como a perna. Representa diversos papeis no dia. No ensaio, está em *negligé*. Rie, conta o seu escandalo sem grande escolha de termos, deixa-se abordar sem difficuldade, aperta a mão cordialmente, e descompõe em voz baixa a grosseria do com-positor, que a chamou a capitulo, e os guinchos da rebeca, que a convidam pela centesima vez a ensaiar *questo magnifico grupo!*

Ha dançarinas sentimentaes: essas são uma rarissima ex-cepção na regra, teimam em ser fieis. Embora o ama-lye diga: *je vous avouerai que je suis passablement refroidi*

sur l'article fidélité: são d'um heroismo fabuloso: deve-se-lhe gravar no tumulo a cabeça d'um cão.

A fidelidade é um habito como qualquer outro: uma dançarina póde, sem atraiçoar o codigo do theatro, insistir nessa virtude, que é uma teima justificavel, até pelo lado da commodidade. Mas não se espantem! ha dançarinas que aspiram ao casamento, que podem apresentar *certidão de folha corrida*, que tem uma reputação de honestidade provada, que poderiam alimentar o fogo de *Vesta*, e irem ao cemiterio de palmito e capella: *ou la vertu va-t-elle se nicher!*

Algumas pessoas que eu conheço, que estão longe de aspirar aos martirios de que resa o *Flos sanctorum*, affirma que é até certo ponto inaudita esta subtracção aos usos permittidos, que assim como ha frio na Noruega, gelo na Russia, e tempestades nas montanhas, no palco deve-se respeitar a lei commum, e não abdicar o indispensavel protector, o amante platonico e o amante preferido. Abomino um tal espirito! Eu preso a virtude, ainda mesmo quando se uza della como um monopolio, para render mais no futuro. Contam-se maravilhas dos camarins dos theatros de Paris. Gaba-se a atmospherá embalsamada do *boudoir*, os vasos de porcelana de Sévres, as cortinas de mosselina, as commodas poltronas, os fôfos tapetes, os forros deliciosos das paredes, a opulencia da collecção de *Bric-à-Brac*, em que repousam os olhos com appetite indefinivel. Os camarins aqui ainda mes-

mo da *prima-donna*, mais *donna* e mais *prima*, não passam de um gabinete trivial de agiota arruinado, ou de empregado publico sem emolumentos. Sobre uma mesa de eras antediluvianas, destaca uma caixa de *toilette*, aonde se encerram os petrechos dramaticos. As cadeiras servem aos doges de Venesa, aos convidados do *Macbeth*, quer dizer, são de um oiro em perspectiva. A poeira transforma todos os adereços n'uma alvura ignobil. Em geral a *prima-donna*, a dançarina absoluta, e mesmo constitucional, senta-se com a frente para a porta. Recebe então com ares de rainha amavel. Surri, conversa e consente até nos dias de bom humor que lhe beijem a mão. Declaro sinceramente que nunca aspirei a tanta gloria. Sou tão modesto que para aser, uso invariavelmente da minha luneta.

Ha uma variedade dilletantica que os inglezes com a sua concisão habitual baptisaram com o nome de *Lady'sman*, e os francezes traduziram *hommes á femmes*. Esses são os que gosam evidentemente do theatro. Na platea, ou no camarote suppõem se feridos á queima roupa pelos mais significativos olhares: no palco, um cumprimento tomam-n'o immediatamente como a demonstração d'uma paixão comprimida.

Todo o seu vestuario indica uma pertença de sentimento. Cada gesto é um idyllio, cada olhar uma ode palpitante, o sorriso é sempre um hymno pindarico ás suas boas fortunas. Vivem n'uma perpetua bem aventurança. Ema-

gracem á custa de emoções fortes: andam sempre com um diluvió semsabor de frases na cabeça, e affogam a primeira mulher que encontram, sem lhe dar logar, a que ao menos respire no meio do discurso. Amantes infatigaveis, infringem o seu amor, como uma longa penitencia imposta por um padre fanatico. E' uma novena de ditos banaes, duas corôas de cumprimentos lithografados, um rosario addicional de mimica amorosa. A toleima da lhes audacia, e ha mulheres que respondem áquillo tudo, pela tendencia irresistivel que tem pelos animaes fallantes: substituem com vantagem um papagaio casmurro, uma arara que seja estranha, e um periquito do genero pouco aperfeiçoado de S. Thomé. Raça feliz!

Este esboço fica de certo imperfeito. E' deficiencia do paiz. Como não ha senão um theatro lyrico, se profundasemos mais os nossos estudos fisiologicos, poderiamos sem querer, reduzir as nossas observações a personalidades que sempre repugnam. E' uma das difficuldades com que lucha a nossa litteratura. Por exemplo, façam um drama da actualidade, inventem um titulo para qualquer dos personagens, d'ahi a uma semana ou quinze dias, no diluvió das graças publicas no *Diario do Governo*, vem o titulo fantastico do dramaturgo applicado sem tirar nem pôr a um vivente deste seculo, com illusões aristocraticas. E digam que senão precisa d'uma lei de propriedade litteraria!—L. DE MENDONÇA.

FOLHETIM

REVISTA DE LISBOA.

PHYSIOLOGIA DOS BAILES.

Longe de nós o querer atacar os bailes, respeitavel instituição que resiste a todas as transformações da sociedade, e a todas as crises da civilização. Somos demasiadamente progressistas para isso: presamos de sobra os sacramentos da igreja, para lavrar aqui um protesto contra a sua realisação social.

Como havia um pai casar duas filhas, prendadas, e cheias de attractivos? Acaso uma mulher, de rosto embiôcado n'um lenço branco, hermeticamente fechada nas dobras d'um chaille, fallando em voz de falsete d'um primeiro, d'um segundo, d'um terceiro andar, e por hyberbole, consinto até que d'um quarto andar, podia por ventura agradar a um animal essencialmente curioso, e soffrivelmente intelligente, como dizem que é o homem? Os barbaros do oriente, teem o mercado, aonde aquelles brutos sensuæis escolhem uma mulher, como n'uma feira se apressa um cavallo. A civilização, que vive de espirito, que reina pelo espirito, que nada é mais do que a distillação, em dozes desiguaes, do espirito humano, effectua por essas grandes reuniões o preceito eternamente substancial do Evangelho: *Crescite et multiplicamini*.

Henrique IV perguntando a Gabriella d'Estrées por onde se entrava para o seu quarto, teve a seguinte resposta: «Pela porta da igreja!» A civilização póde commentar este conceito feminil e dizer: «A porta da igreja corresponde com as portas d'uma sala de baile.»

Tem excepções a regra. Ha ainda os banhos, ha os passeios no campo, ha os contractos feudaes, e diplomaticos entre dois nobilissimos troncos de duas archi-aristocraticas familias, ha o sedição e platonico espasmo do theatro, ha finalmente o casamento por desespero, o casamento por *spleen*, o casamento por novidade de situação, o casamento por priquiça, o casamento como remedio a uma das molestias mais immoraes da humanidade — o aborrecimento.

Paremos aqui. Ainda que não aspiramos a casar, queremos que o mundo case. Veneramos o *bonnet de nuit* conju-

gal, e não estamos longe de sympathisar com os *teles à teles* da lua de mel, e aquellas doces expansões intimas ao canto d'um fogão bem aquecido, e que — entre parenthesis — não nos incommode com fumo.

Ora, um baile não é só um prazer, uma excitação apaixonada dos sentidos, um exercicio hygienico, um elemento de consumo, e um desenvolvimento de viabilidade, um culto aos instrumentos de sopro, e de corda, é principalmente, é sobretudo o meio mais moral de levar um solteiro a transpor essa porta, que é o enlevo, o pensamento incessante, e activo de todas as mulheres, a porta da igreja: porta, isto digo eu baixinho que corresponde a tantas outras portas! — mysteriosas, que não rangem nos quicios, que se movem quasi ao soprar da respiração apaixonada!

Por este lado a contradança é um pretexto parlamentar, a polka uma seducção artificiosa, a walsa uma communhão antecipada, o baile uma esperança matrimonial.

Olhai um pai de familia escabeceando a um canto, u... a mãe de familia tapando um escancarado bocejo com um leque monstruoso — divertem se por ventura? Ora essa! São duas victimas do amor paternal, e maternal, amores sagrados para a natureza, incomodos para um homem solteiro, e excessivamente rendosos para todos os parochos de freguesia.

Chega-se um *flâneur*, como eu por exemplo, e pergunta-lhe: «Que tal está o baile? — «Minhas filhas tem dançado muitas contradanças!» — Que lhe parece o serviço? — «A neve era bem necessaria! — que longa que foi aquella polka! — «Não acha o baile animado? — «Pois não! minhas filhas estão tão risonhas!»

Salve! dedicação affectuosa, salve! heroismo de *vaudeville*; ahi tendes os resultados do casamento: vale bem a pena uma paixão, para no fim concordarmos com aquella espirituosa Anna Radcliffe: «Casaram! tiveram muitos filhos, e viveram felizes!»

E as mulheres casadas? O maior numero — honra seja feita á moral do seculo! vão simplesmente para se divertirem. Uma minoria consideravel para *coquetear* e dissertar em longos capitulos, sobre a metaphysica do sentimento. Algumas pela curiosidade, o que tentou nossa mãe Eva, porque eu não sou dos que acreditam mais na allegoria da serpente, e do po-

mo prohibido. A serpente era apenas um *janota* primitivo, Eva uma elegante aborrecida, e Adão, o primeiro marido infeliz.

Esta classificação, tão incompleta como é, pertence ao reino das que possuem espirito. E diga-se a verdade — em que ella pese! esse reino está n'uma minoria insignificante: é pouco povoado, é uma tribu privilegiada no meio da nossa pesada e insipida sociedade.

O maior numero apparecem para terem o praser de apparecer. Respondem a tudo nos mais heroicos monosyllabos, afinados por todos os signos da musica; *Sim! Não! E' verdade! Gostei! Aborreci-me! E' elegante! Sem-sabor!*

Imaginai, oh rei dos leões, a mais intrincada pergunta, a mais difficil, essa mulher cuja sciencia reside na escala das interjeições possiveis, hade te responder por uma interjeição:

— «Minha senhora, dir-me ha a razão porque tem estado tão triste durante o baile? — Eu? — Julga que me enganei na expressão da sua phisionomia? — «Ora essa! — Tem cuidados, de certo que os tem! — Eu? — Pois a tristeza não é sempre filha dos pesares do coração? — Eu sei!» — Poesia, eloquencia, mathematica, philosophia, tudo o que existe no mundo, tem uma resposta unica, fatal, inflexivel, irrevogavel, um monosyllabo solitario, aspirado, ou não aspirado!

Que felizes os maridos que possuem daquellas mulheres! Hão de alcançar o bello ideal da concisão, ou da tísica de larynge: a mimica!

E os maridos?

Um marido ou é observador, ou indifferente, ou crente, ou incredulo. Se tem espirito, não teme a concorrência, esse facto que horrorisa os socialistas na industria e os tolos na sociedade.

O marido confiado, senta-se e espera. O marido desconfiado embusca-se e espreita. O marido terno vem perguntar á sua cara metade se lhe doem os pés de dançar a *polka*. O marido impaciente escuta á porta o rodar das caruagens. O marido de véras zeloso, finge-se accommettido de vertigens, para se ir embora. Em geral, o marido é quem triunfa em todos os bailes. Fazem-lhe a còrte á mulher? Poupam-lhe um trabalho. Entregam-lhe uma carta? Ensinam-lhe a litteratura do sentimento. Fazem-lhe uma decla-

ração? E' elle que se incumbê de tirar a prova real de todas as declarações. Marido, tu és *l'enfant gatê* da sociedade moderna, até que fums tres pequerruchos, besuntados de pão com manteiga, te venham sujar as calças, bradando com grande desperdicio de gestos graciosos: Papá! ó papá!

Quando chega esse momento terrivel, ó marido! embrulha-te no teu *robe de chambre*, como Cesar na sua toga, enterra o barrete de noute até ás orelhas, e dorme a sesta socegado, mandando pela aia os caros penhores a passeio.

II.

Não se escandalisem, minhas senhoras, se eu disse que o espirito não era o attributo essencial do bello sexo em Portugal. Vós, minha leitora, que sorris ao ler-me, sois uma honrosa excepção: mas por isso mesmo haveis de explicar-me um phenomeno trivial no mundo elegante de Lisboa.

Porque é que os homens tolos são mais felizes do que os homens de espirito? Porque é que se observam essas uniões *morganatiques*, como diz Balsac, entre uma mulher linda e cheia de intelligencia, e um homem que sabe apenas de cór os elementos de civilidade, o *journal des modes*, e as pomadas dos cabelleiros *leões* de Lisboa?

Será acaso pela harmonia dos contrastes? Será por ventura porque a cabeça absorve o calor do coração? Apreciarão as senhoras a mimica desdenhosa d'um peralvilho, como o supremo esforço do *bon ton*? Será mais eloquente o gesto do que a palavra?

Acreditem, quem tem palavras, tambem tem gestos. Nem sempre a cabeça absorve o coração. O coração que não palpita, a certos pensamentos da cabeça, é um coração *fossil*, digo mal, é um coração *cetaceo*, nascido, e creado apenas para os phenomenos da circulação do sangue.

O que é o amor senão uma inspiração ambiciosa do pensamento? O que é palavra ardente, febril, eloquente, senão a cratera por onde se vomitam as chammas que ardem dentro do peito?

Explicuem-me — minhas senhoras, o que é um tolo. Terá elle unicamente espirito quando ama? Eu queria ser senhora quatro horas no dia, para o saber, já que um silencio sepulchral acolhe todas as minhas interrogações palpitan-
tantes.

Os homens de intelligencia não são assim; não são. Não digo que reneguem da belleza, mas preferem o espirito a tudo. O que fazia cair aos pés de Ninon de L'Endos com oitenta annos de idade, um mancebo de vinte, louco, perdido d'amores? O seu espirito. Ha almas que não envelhecem: as que envelhecem, são as que se crestaram unindo-se ás dos tolos, almas que diluem tudo, que prostituem tudo, porque não pensam, que abusam de tudo porque não sentem, que se animam apenas ás excitações brutaes da natureza physica. Se eu fosse mulher, queria ser Natércia, queria ser Beatriz, e saber-me a musa mysteriosa d'um talento discreto.

Vamos aos bailes. Respeitar o máu gosto das senhoras, é o cumulo da tolerancia, e do *cavalheirismo*. Amem. Vejam se pódem tirar d'um pobre d'espirito torrentes de sentimento, como Moisés com a sua vara fez rebentar agua d'um rochedo. Tentem o impossivel: envelheçam depressa.

Um baile só é baile, só tem poesia, só tem sentimento, só tem embriaguez, das tres horas em diante. Eu, por exemplo, vou a um baile só para assistir ao final.

Quem quer gosar, fica: a gente sem sabor retira-se cedo. As mulheres das interjeições depois de terem mostrado os dentes n'um sorriso, de haverem provado que têm hombros esbeltos, braços elegantes, uma *toilette* irreprehensivel, de terem passeiado n'uma silenciosa contradança, e corrido n'uma *polka* desordenada, de terem gosado com o unico sentido que tem apurado — a vista — e com a unica capacidade que tem desenvolvida — o estomago — retiram-se com a mesma porção d'espirito com que vieram. Não a gastaram. Fizeram rigorosa economia.

E' que de certa hora em diante, as faculdades adormecidas no isolamento, desenvolvem-se pelo encanto da simpathia. E' que os sentidos embriagam-se, é que o coração pulsa rapidamente, é que a alma excita-se perante o fervor das paixões, que adivinha n'aquella athmosphera embalsamada. Conjugou-se o verbo amar até ao *conjunctivo* nas tres primeiras horas, ancêa-se chegar ao *imperativo*, espera se alcançar o *infinito*. Hade-se deixar ficar um pobre verbo, no meio da conjugação?

Um baile começa regularmente ás nove horas. Tudo está frio então. Boceja-se — adormece-se, consultam o relógio,

os felizes mortaes que possuem esse utensilio civilisador. Ainda não veio? E olha-se para a porta: e presta-se o ouvido ao rodar da carruagem: e palpita o coração, ao tinir sonoro da campainha.

Das nove á meia noute, dança-se pouco, as senhoras decoram a *toilette* das suas parceiras, para o *cancan* do dia seguinte, os homens examinam, o *philipão* pucha a dourada cadêa do relógio, e descalça a luva, para dar a mostrar um anel de subido preço. O chapeo está ainda na posse individual. Não houve *deslocação de propriedade*.

Da meia noute ás tres horas anima-se mais o baile. Contra-versa-se. Os noivos estabelecem-se impiedosamente n'um canto, e não saem do seu murmurar platonico. O marido vem de vez em quando consultar com os olhos se a mulher deseja retirar-se. Das duas ás tres, começa a retirada mansa e parcial, as cadeiras começam a rarear-se, sente-se d'espaco a espaco o beijo da despedida d'uma senhora a outra senhora mais proxima, ouve-se um agudo adeus! rangem os dedos no convulsivo aperto de mão!

Olha-se: se foi uma senhora bonita, dá-se um suspiro: se foi fêa, mas espirituosa, leva-se a mão ao coração: se foi só fêa, erguem-se com reconhecimento os olhos para o ceo: se foi gorda, desmedida, monstruosamente gorda, os joelhos quasi que se dobram involuntariamente para adorar a providencia.

Não fallo nas velhas: eu adoro as velhas, mandaram-me adora-las, hei de cumprir o preceito: tanto mais, que sem ellas, como viriam as moças?

Nos bailes, menos opulentamente servidos, *la jeunesse dorée*, mostra-se grosseira até á brutalidade. *Accommettem* uma bandeja, e assaltam-n'a sem misericordia. Nunca vi nenhum homem d'espírito — elles são tão raros! — nestas partidas soffregamente vorases. Será uma prova de sentimentalismo? Um homem pallido, de cabello negro, de olhos resignados, será um heróe, devorando dez copos de neve?

Se é assim, declaro que o amor não está na cabeça, nem no coração, mas no estomago. Acabem as controvérsias dos homens de sciencia. A séde da alma é no estomago.

ST. Gimpato, segundo o aspecto que os...

FOLHETA.

REVISTA DE LISBOA.
PHYSIOLOGIA DO SPLEEN.
I.

Não vos fallo esta semana nem do ministerio, nem dos *vivos*, nem mesmo do *chixir* com amor, e sem elle, que seria seguramente aggravar-vos as massadas tremendas, que a providencia vos destinou nesta quadra de dolorosas e pungentes incertezas. Supponhamos que a patria está salva, e que as cataractas de hymno produziram as suas legitimas consequencias: a nossa missão e hoje philosophica e social, e trata das questões *in abstractum*, como diria um pansudo latinista do seculo passado.

E' que nós não importámos só de Inglaterra as rolhas com que tapamos os nossos vinhos preciosos, os estofos com que nos defendemos do rigor das estações, as ferramentas com que auxiliámos o nosso trabalho, as machinas com que damos desenvolvimento á nossa industria, mas com tudo isto, com o *comfortable*, e com o *improper*, com o *disappointed*, e com o *shake-hands*, com as *saw-ticks*, e o *roastbeef*, veio-nos tambem esse inquantificavel aborrimento, que á falta d'outro nome, baptisámos com o de *spleen*.

Dizem os entendedores que elle devia morar unicamente nos nevoes ros de Londres, entre as ondas de fumo de carvão de pedra, naquellas ruas alinhadas e medidas a cordel, ainda mesmo no centro da *fashion* importuna e da opulencia deslumbrante: no palacio do duque de Northumberland, em *Charing Cross*: no palacio de Robert Peel, em *Parliament Street*, no palacio de Wellington, nas grades de *Hyde-Park*: em *Somerset-House*, entre o *Strand*, e o Tamisa. E' uma rematada tolice! O *spleen* aporluguezou-se, mas existe realmente na nossa terra: não é tão exaggerado, que nos con-

duza ao suicidio, mas e tao intenso, que mais d'uma vez nos produz a desesperação.

Que os nossos antepassados o não conhecessem, isso sou eu o primeiro a affirmar-lo. Que santa gente aquella! que ia ao *lausperrone*, e acutilava as rondas, que fazia glosas nos oiteiros, e caminhava aos *rendezvous* de espada debaixo do capote, e que se encontrava pai, irmão, ou tio, esgrimia com todos sem do nem consciencia, e tudo em *louvor da sagrada paixão de Nosso Senhor Jesus Christo!* . . .

Eram tao poderosas, tao activas, tao *impressionaveis* as occupaõs naquellas eras, que até não estou longe de acreditar que o *gamão da botica* seria um divertido passatempo. O *spleen* produziu se verdadeiramente entre os *organamentos com saldo positivo*, e as famosas dissertações sobre *as prerogativas da corôa*. E' molestia essencialmente constitucional, que todas as *polkas*, e *mazurkas* irritam, e que só pôde ser dissipada por um languido e expressivo olhar, que nos promette a esperança e que nos não faz descer da felicidade.

II.

O *spleen* inglez é filho primogenito do *comfortable*, e do *hygh satisfactory*. Passeai por uma longa rua edificada a cordel, entrai n'uma casa aonde todos os objectos estão no seu lugar, desde vossa esposa, se a tendes, até ao vosso barrete de dormir, se usais delle por causa do frio, e dizei-me se esta felicidade tranquilla, e monotonamente regular, vos não produz *spleen*? Por isso affirmo um auctor de que me não lembra o nome, que o *spleen* nasceu em *Oxford-Street*, entre o gaz e o cordel.

Até certo tempo, não houve em Inglaterra ensejo, para que o *spleen* lançasse profundas raizes no espirito da população. D pois das guerras sanguinosas da Rosa Vermelha, e da Rosa Branca; depois daquelle furor matrimonial, e sanguinario de Henrique VIII, depois das atrocidades de Maria Tudor, e das empresas politicas e maritimas de Izabel d'Ingla-

terra, virgem segundo diziam os lisongeiros, epitheto que passaria á posteridade sem Leicester, e o conde d'Essex — depois das lutas tremendas de Carlos I e o parlamento, é que o *spleen* começou a fazer parte da phisionomia moral de todo o habitante abastado da Grã-Bretanha.

Até alli, como havia occasião para se ter *spleen*? A historia de Inglaterra deveria ser escripta pela mão do carrasco. A cabeça de qualquer cidadão existia com tão poucas probabilidades de repousar no travesseiro, na hora extrema, que essa idéa bastava para lhe occupar a imaginação, e livra-lo de quaesquer velleidades romancescas, e sombriamente poeticas.

O apogeo da civilização material cria uma molestia de alma que mata o corpo. Eis a verdadeira origem do *spleen*. Eis a maneira providencial com que o altissimo castigou a devoradora ambição da Grã-Bretanha. Os habitantes daquela ditosa ilha estão divididos em duas classes: pobres e ricos, aristocracia da terra, e da industria, e essa immensa população operaria que come batatas com casca e tudo, bebe cerveja, e *gin*, e canta nos raros momentos do repouso o *god save the queen!*

A fome, e o *spleen*, eis os dois flagellos da rainha do Oceano. A fome é uma molestia do corpo que mata a alma: o *spleen*, já vos disse o que era, é uma molestia da alma que mata o corpo.

Os *land-lords*, os membros do parlamento, os *gentlemens* que alcançaram uma fortuna sarapintando chitas, com horrosos padrões, ou temperando aço em navalhas de barba, trinchantes, limas para unhas, e canivetes para aparar penas, vão distrair o *spleen* para Italia, para a Suissa, para Constantinopola, para todos os sitios imaginaveis.

O operario, que tem mil garantias na constituição, e pouco alimento no estomago, se não quer ir para o *work-house*, ou fazer-se inscrever na parochia como mendigo, e se se appropriia dos bens do proximo, seguindo o exemplo da sua

respeitavel patria na India e na China, mandam-n'o para *Newgate*, e raras vezes escapa dos deliciosos sertões de *Botany Bay*.

Isto tudo nos prova que a Inglaterra é muito feliz, e a civilisação material a melhor descuberta que se fez depois dos *paras-raios*, e do *maccaroni*.

III.

O *spleen* é factó que sahio de Londres pelo caminho de ferro, chegou a Souptampton, metteu-se no paquete, e veio tomar banhos no Tejo, poeira nas ruas de Lisboa, e fazer *crochet* com as elegantes. Analysemo-lo aqui.

Não o confundais, em primeiro lugar, com a melancolia, com a saudade, com o crime, ainda que elle ás vezes, participe e se companha de todas essas *nuances* apaixonadas.

A melancolia? Esse é um sentimento todo espiritualista, e christão, que nos transporta aos vages céos de uma esperança indistincta, é o desejo insaciavel do infinito, que nos agita os abrasados seios. E' entre as pompas da natureza, é nos esplendores do culto, é mesmo nos delirios de uma festa, que ella vem pousar sobre a nossa fronte fatigada, e abattida.

Subi a uma bella montanha, toda poderosamente avivada de uma vegetação selvagem, vêde ao longe mil construcções debruçadas sobre a limpida corrente de um rio bonançoso, contemplai o céu puro e azul, illuminado por um sol deslumbrante, e talvez que esse quadro encantado e ridente, vos proclame o nada das vaidades humanas, e vos denuncie que a felicidade na terra existe sómente. . . nos céos da esperança!

N'uma noite de estio, caminhando por um vasto campo ainda tapeçado de flores, cujo perfume agreste vos embriaga os sentidos, divisais ao longe, ao pallido clarão da lua, as paredes magestosas de um monumento religioso. . . Que sentis nesse momento? Porque é que a vossa cabeça se inclina,

que cruzais os braços com tristeza, que o vosso pensamento como que se detem indeciso e perplexo? ... E' que o sopro magico da melancolia vos perpassou pela imaginação, e vos arrancou das voluptuosas considerações da vida terrestre.

A *saudade* é tambem um sentimento, cujas mysteriosas delicias e pungentes amarguras, se passam no intimo da alma, longe do rumor deste mundo trivial e estupidamente sceptico. Quantas vezes não tendes ido, por alta noite, passar horas inteiras diante da janella, cuidadosamente cerrada, aonde viste uma vez a mulher que amais com profunda e elevada adoração? Porque se vos arrasam os olhos de lagrimas, vendo a flor sêcca que ella um momento respirou n'um baile, e que depois abandonou, desdenhosa e indifferente? A saudade! quem a sabe, quem a pôde sentir, pura e immortal, como ella é, recebeu de Deos o dom dessa eterna poesia, que nos torna desgraçados e orgulhosos, como o Satanaz da litteratura moderna.

Se Shakespeare não tivesse existido, e se o seu genio grandioso e immenso não houvesse escripto *Othello*, quantas cousas vos não diria eu do ciume! Lêde o poeta, e explicai-me depois quanto val cada gemido, saído dos labios, e do coração do mouro indomavel!

Mas o *spleen*, naturalisado em Portugal já se vê, é uma cousa não inteiramente differente, mas de certo muito mais prosaica, muito mais ligada ás desconsoladoras realidades da vida material e positiva. E' um producto desta nossa civilização, que tem todos os inconvenientes e poucas das vantagens que se observam na dos paizes estrangeiros. E' o resultado desta incessante monotonia, que nem mesmo possui nenhuma das condições do *comfortable*. Massudo como as pedras de um chafariz, odiosamente asqueroso como as pantalonas d'um habitante de Tuy, tediosamente insupportavel como o capoté e o lenço que embuça a estatura de uma mulher feia, o *spleen* é capaz de tornar raso e chato um poeta como Camões, ou um prosador como Frei Luiz de Sousa.

IV.

Estais n'um baile, o calor é immenso, a concorrência numerosa, a musica duvidosamente agradável, achataram-vos já o chapéo, o que deve alegrar infinitamente mr. Charles ou Hirsh, lithografaram-vos entre uma parede e uma mulher de sessenta annos, que deixou escapar um: *Deos de misericordia!* a este contacto impudicamente masculino, não sabendo o que haveis de fazer, tomais um par, e ides dançar uma contradança. *Oimè!* No fim dessas marchas e contramarchas tendes um grande ataque de *spleen*. A primeira cousa que vos acontece é que a vossa casaca roça todas as cabeças femininas, e fica reduzida a uma especie de taboleta de *drogaria* elegante: tomou todos os aromas, desde o espirito de lima até ao *patchouli*: absorveu todos os oleos, inclusivamente o de *macassar*, que Byron invocou no seu immortal *D. Juan*: até vos não escaparam as *massas*, California e não California, do inevitavel cabeleireiro mr. Baron.

Em segundo lugar tivestes com o vosso par este interessantissimo dialogo:—Não acha a baile animado?—Mas ha muito calor!—Quando vai á scena a *Favorita*?—Em estando restabelecida mad. Stoltz.—Pois está doente?—D; cama haverá doze dias.—Acha que é isso verdade?—Acho!—Um grande ponto final, durante o qual olhais os outros pares, e affagais os minguidos cabellos que a natureza vos collocou no labio superior.—Ha gente de mais n.º baile?—Acha?—Nem mesmo se pôde conversar neste tumulto?—Distrahe-se a gente.—Tem-se dançado muitas polkas?—Estou *engajada* até á sexta.

E repetidas dez ou doze mais destas perguntas e respostas, a vossa gentil parceira, quando o é, abaixa-vos a cabeça, e deixa-vos no meio da casa, com uma quantidade de palavras de menos, e o vosso espirito, se o possuis, puro e intacto.

O *spleen* denuncia-se muitas vezes, por uma certa distração estúpida, e em certos casos mal creada, que eu, á falta d'outro nome, já denominei *constipação moral*. E' quan

do vos esqueceis de tudo, do baile, da contradança, da musica que toca, e vos accommeite sómente o desejo de pegar no chapéo e de deixardes esses homens, e essas mulheres que se arrastam montonamente ao som de uma paciente orquestra.

Ha só um remedio contra esses symptomas aterradores: é fumar, é fazer arder uma quantidade indeterminada de charutos, passeiando com uma rapidez proporcionada á dose de *spleen*.

E' que segundo a famosa distincção de Xavier de Maistre, estando *l'âne* mortalmente ferida de aborrecimento, a excitação de *la bête* vai tarde ou cedo restabelecer o equilibrio entre estas duas impreterivis entidades.

Contra a leitura de um mau livro, ha sempre uma desforra prompta, é atira lo contra uma parede, e descompor o auctor com todas as pragas algarvias, que vos vem á cabeça. Como ha de um homem deslazer-se da conversação de um tolo? Outro caso frequente de *spleen*.

Partis amuado de uma contradança, ides para uma outra sala, e encontrais um destes entes que se dizem vossos amigos, e que passam pelo menos a vigesima parte do dia a *roer-vos na pelle*. Haveis de aguentar por força um dialogo desesperador.—Então o que se passou nas camaras? — Não estive lá, nem sei nada...—Ora! bem se percebe, é republicano... —Por graça de Deos, e pela constituição do mouarchia, exactamente como S. M. é rainha.—Acredite, republica é que o senhor nunca cá vê... — Já estive mais longe... — O paiz está muito atrazado, e aonde existem essas virtudes austeras indispensaveis á governação publica, como diz Montesquieu?

Pois acreditai me, meu querido leitor, este homem nem leu Montesquieu, que não perdeu nada com isso, e quer passar por *espirito-forte*, sorrindo desdenhosamente ás *utopias* e *illusões*, e fiando-se unicamente no positivo. E' um tolo encadernado em homem esperto—a peor e a mais insupportavel classe de tolos!

Se resistis a estas duas formas de *spleen*, podem arrancar-vos a pelle como a S. Bartholomeu, ou assar-vos nas brasas como a S. Lourenço, e podeis morrer martyr, se já perdestes a esperança de morrer virgem.

V.

O *spleen* é effectivamente uma molestia contagiosa. Eu por exemplo não vejo um inglez *inglez*, um inglez *pur sang*, sem me vêr assaltado de um ramo de *spleen*, que me torna lesa a alma, como a apoplecia torna lesa o corpo.

Conhecia um inglez, nascido em Portugal, e fui com elle visitar seu pai, ausente ha cinco ou seis annos, ao paquete.

O tal pai era o typo inglez, sem o *humour* de Sterne, nem a veia sarcastica de Slith, um homem amassado de *porter* e *plum-pudding*, pesado como uma peça de *roastbeef*, e vermelho como a epiderme de um leitimo queijo londrino. Fazia a barba diante de um espelho, que com o estremecer do navio, tuba a imprudencia de lhe retratar unicamente a barriga. Quando o filho entrou, olhou para elle, suspendendo dois segundos a operação; sorriu-se, desapertou os dentes, e repetiu-lhe concisamente: *Good by!*

Depois continuou solemnemente a arrancar com uma folha de aço das fabricas de Birmingham uma penugem ruiva, a que tuba o atrevimento de chamar barba.

Fiz idea da sensibilidade britannica, e tive um ataque de *spleen* que me durou em quanto vi marujos, paquete, pais e criados inglezes.

A outra scena passa-se em Italia no caminho de ferro de Monza para Milão. Entrei para o *wagon* com um inglez, e uma ingleza, ambos moços, ambos formosos, ambos caracteristicamente inglezes. Sentaram-se de frente um do outro. A mulher, com o inevitavel veu verde cahido sobre o rosto, o homem com o infalivel *album* mettido de baixo do braço. Serraram ambos convulsivamente os dentes, com medo que lhe sabisse da boca uma unica syllaba. O homem quando chegamos á estação fez um gesto, e a mulher respondeu:

Yes. Haviam consumido tres letras durante um quarto de hora. Letra e meia por cabeça! Coeguei ao meu *hotel* morto de *spleen*.

Podiam-se escrever volumes sobre a inoculação do *spleen* por contagio. E se a molestia não dá de prompto cabo de nós, apressa a morte, e arruina lentamente as mais robustas organizações.

E se outro pensamento existe occulto dentro do coração com que facilidade se toma o *spleen*! Uma nota desafinada, um olhar de revez, um cumprimento duvidoso, uma palavra mal entoada, tudo são pretextos sufficientes.

Mas ha para mim, jornalista, uma causa sempre efficiente de *spleen*. E' quando me levanto ao meio-dia, e leio nos jornaes que me amanhecem á cabeceira o terrivel dia de *sexta-feira*, que é o dia de escrever o *folhetim*, com inspiração ou sem ella. E' quando a voz esganicada do galopim da *Revista Universal* me pede a continuação das *Recordações de Italia*; e quando o meu co-redactor do *Ecce dos Operarios* me intima que se necessita de um artigo *anti-capitalista*; e quando um director de *theatro* como o mais amavel dos seus sorrisos me lembra que hei de imitar não sei que má comedia em tres actos. . . Como é gloriosa a missão de remar nas *galés* da imprensa! Antes ser escravo dos argelinos, ou pescador do alto-mar.

Falta ainda o mais tremendo reverso da medalha critica. E' quando um mau auctor vos offerece um mau livro, e vos persegue para lhe escreverdes um mau artigo sobre elle.

A final, meu querido leitor, eu vingio-me esta semana exemplarmente de todas as desgraças presentes e futuras. Escrevi um artigo sobre o *spleen*, e se não adormecer-des no meio, o que pode bem acontecer, sem que eu me escandalise, asseguro-vos que tereis um ataque de *spleen*, mais forte do que todos quantos eu descrevi e concebo.

LOPES DE MENDONÇA.

FOLHETIM.

REVISTA DE LISBOA.

O folhetim apparece hoje dividido em secções, como se fôra algum regulamento de secretaria, ou regimento de camara de deputados. Havia abundancia de materia, o que não é caso muito frequente nos fastos da litteratura militante.

Com algumas observações não tento offender ninguem. Faço esta declaração, por dever de consciencia, e não por *conveniencia* de posição. Não pedi, não peço, nem pedirei cousa alguma, apesar de estar ligado com muitos caracteres da situação, pelos laços da mais sincera amisade, e cordeal estima. A primeira condição do jornalista é ser independente, e eu preso muito esta soberania em *interduo*, *lectura*, e *pan-decta*, pra a trocar por qualquer *legitima consequencia*. Desejo que os ventos mais favoraveis conduzam a situação ao desejado porto, estou prompto a pegar n'um cabo, ou a largar uma vela, se as necessidades da manobra o exigirem, mas não sento praça nem de grumete, nem de marinheiro, e muito menos de piloto, e sirvo como *dilletanti*.

Eu sempre tive uma *sympathia* irresistivel por aquelle singelo e chistoso epitaphio do poeta Piron, orgulhoso se quizerem, mas mais substancial do que esse dilvio de titulos, que affogam o nome das mediocridades do nosso seculo:

Ce gât Piron, qui ne fut rien

Pas même academicien.

PHYSIOLOGIA DO ORDEIRO.

Nestas situações duvidosas, hesitantes, indecisas ha um partido que á força de ser abundantemente comico, se transforma n'um typo, alcança as proporções grotescas de um symbolo litterario — é o partido *ordeiro*.

Ha por ahi quem lhe professe odio, quem o accuse de andar preplexo entre a corte, e o paiz como o burro de Buridan entre as duas medidas de cevada: ha mesmo quem o filie ás beatas tradições de Loyola, quem affirme que tem mais palavras do que idéas, mais illusões mentirosas do que desejos sinceros, mais ambição desfarçada do que adhesão convicta aos progressos nacionaes, mas eu acho-o delicioso, como uma mascara de carnaval, que depois de se vestir á Luiz XV, punhos de renda, cabelleira, e *talon rouge*, espadim, e bofes, cubrisse a cabeça com o barrete phrygio, que quei-

ram ou não queiram, e ainda o distinctivo do partido republicano.

O ser *ordeiro*, não é seguir uma idéa, é professar um officio. E'-se *ordeiro*, como se pôde ser alfaiate, çapateiro, entalhador, ou ourives. Por isso elles accommodam-se com todas as situações, e tomam *por empreitada*, a salvação da patria, debaixo da influencia de todos os regimens. Ha uma crise politica, e estes zangãos, que estavam esvoaçando nos prados, ou regalando-se de mel nas fartas colmeias, vem zumbindo pelos ares, e proclamam-se *toto cre*, os unicos capazes de organisarem o paiz e de o salvarem das garras, já sábéis, de que. . . da anarchia.

A anarchia é o *lob.s-homem* destes homens-creanças, que tem dirigido os destinos da nossa terra: pobre *anarchia*, phantasma invisivel que fazes viver uma pansuda realidade que se chama *ordeiro*, que o elevas ao poder, que o carregas de *commendas* e *varonatos*, que o passeias, ass prado e viçoso, pelas ruas, que lhe engrinaldas o nome nos bolletins e nas portarias, que o apontas ás glorias do *necrologio*, que o fazes gosar na vida, do paraizo. . . dos pobres d'espírito! Aonde vives, ó minha *anarchia*, que te queria conhecer de perto, para tambem me prostrar diante das virtudes mirificas do *ordeiro*? *O' cara-donna*, andas vestida á grega ou á romana, usas dos trajés rocegantes da idade-media, ou desfarçaste mesquinhamente com o capote e lenço sacramental, pedindo esmola no Rocio, como uma misera e vagabunda an-deja?

Olhai o *ordeiro*, esbaforido, vermelho, batendo nas abobadas do estomago, orgão que elle confundiu com o coração, para maior commodidade phisiologica, de que falla, o que proclama, o que lhe incita a *vis* parlativa?

Não é nem a questão das communicações, nem a da instrucção, nem a reforma das finanças, nem o meio de destruir a agiotagem, de constituir o credito. e fomentar a industria, nem a de abrir mercados nas nossas possessões, nem a de estabelecer relações commerciaes com as nações europêas, tudo isso para elle são *utopias*, ornamentos de discurso, arabescos da imprensa, illusões de governo, impossiveis que só nascem na cabeça da *geração estouvada*, e dos mancebos com *sangue na gueltra*: o que o preoccupa é ter visto um grupo de cinco nomes, fallando animadamente, e haver percebido os dites soltos de *democracia*, *revoluç o*, e não sei que mais outros termos, que lhe arrepiam as mimosas carnes.

— Está proxima a anarchia, eu bem ouvi aquelles cinco *canibats*, façamos *ordem!* *Et ordo facta est!* Rabiscam-se

cinco portarias semsabores, inutilisam-se algumas medidas progressivas, aperta-se o cravo da roda da revolução, e vai-se tomar chá com alguns agiotas bem parecidos, e de maneiras agradáveis, que promettem arruinar o paiz com mansidão evangelica, e devorar os recursos publicos, com doces e suaves reticencias!

E' que o *ordeiro* é filho d'um adulterio politico. Nasceu da revolução e da legalidade, das garantias liberaes e das prerogativas da coroa, da liberdade e do despotismo, e sobre tudo da economia mesquinha ligada com as *legitimas consequencias*. E' uma raça hyprida, uma aberração da historia natural, um mixto de burguezia rançosa e de judaismo avarento, e por mais esforços que faça não tem *cor de cardeal*.

Qual é a sua idéa politica? A ordem. Qual é a sua idéa social? A ordem. Qual é a sua idéa administrativa? A ordem. Qual é a sua idéa economica? A ordem. Qual é a sua idéa reformadora? A ordem. Qual é a sua idéa diplomatica? A ordem.

A ordem é tudo, e não é nada. Nem elle entende a idéa, e pouco se lhe dá disso. E' uma pedra philosophal que não transforma nenhum metal em ouro. E' uma *eau de jouvence* que não remoça nenhum character gasto. E' um elixir maravilhoso que nem mesmo é capaz de nos arrancar os callos que nos incommodam de verão. Como objecto de utilidade prefiro cem vezes a *massa chrysolita* de mr. Baron, e o *fluido transmutativo* de mr. Philibert Laborde.

Qual é o partido que não aspira á *ordem*? Qual é a sociedade que pôde existir sem ella? Aonde visteis que houvesse governo, por mais revolucionario, que não dirigisse os seus esforços para a realisar, segundo os preceitos da sciencia, e as necessidades da sociedade?

A ordem que assenta sobre o equilibrio dos interesses, sobre a igualdade da justiça, sobre a justa posição dos elementos sociaes. Não a ordem do monopolio, do favoritismo, da agiotagem, da incapacidade, da timidez governativa, da obsecação ridicula e *fossil*: nesse ponto o barão de Catania era o primeiro dos *ordeiros*, e é visivelmente o chefe da vossa escola politica. Descendeis em linha recta do charlatão *negrophylo*, que resumiu o vosso crêdo em dois aforismos escriptos com tinta encarnada: *Soli Deo honor, e paz e união entre todos os portuguezes!*

Tudo é corrupção! exclamam os *ordeiros*, e querem organizar a corrupção, *ordeirar* o cahos em que se revolve o paiz, tapar-lhe as feridas com algumas commendas e al-

guns pomposos titulos. Tende ao menos a audacia de usar largamente desse meio que suppondes infallivel: concedei a Portugal o titulo de barão, e o tratamento de excellencia: conjuguemos reciprocamente o verbo: *eu sou barão, tu és barão, elle é barão*. . . e salve-se a patria!

Olhai que eu não me encoleriso. Acho-vos extremamente disfructaveis. Rio-me quando quereis construir castellos de cartas, não sentindo o vento que as não deixa estar muito tempo em pé. E acharia gracioso que, depois de haverdes enxotado o conde de Thomar, *com ajuda dos visinhos*, vos acolhesseis á sombra do casacão pardo do nosso rei Rodrigo, esse conservador patusco e *ordeiro*, a quem tributo o mais leal e profundo acatamento!

A idade do *ordeiro* varia entre trinta e sessenta annos. E' democrata nas palavras, mas aproxima-se da aristocracia pela esposa, quando é casado. A sua chara metade teria um incrível praser em ser *conselheira, baroa*, ou cousa que o valha. Sacrifica-se ao martyrio das condecorações. . . por amor conjugal. Uma portinhola de carroagem sem brasão é um delicto contra o bom gosto. Manda pintar alguns bichos em *campo verde, azul, branco*, ou *encarnado*, e apanha na rede do diploma uma quantidade de primos ineditos, e de primas mais ou menos idosas e beatas, mais ou menos achacadas de *rheumatismo*, ou *flato hysterico*. Este é o *ordeiro* legitimo, *pur sang*; é o *ordeiro* que faz mesuras no paço, que não falta ao bejamão, que não acha a monarchia boa forma de governo, senão porque não pôde passar sem essa serie de farças mais ou menos magestosas, que alentam o fogo sagrado da realesa representativa. A sua opposição nasce sempre d'um ciume de valimento: não sabe o que quer, nem para onde vai, mas toma o prurido de vaidade offendida como uma demonstração fervente de acrysolado patriotismo: chega ao termo dos seus desejos, e fica atrapalhado com a victoria: quer parar e não pôde: nesta conjunctura difficil, sem uma idéa na cabeça, porque é mercadoria que nunca tratou de alcançar, apega-se a um recurso extremo — grita: « a anarchia! a anarchia! » põe as mãos na cabeça, emigra no chinó, se o possui, e vai prostrar-se aos pés do throno, fazendo um sem numero de reverentes *salamaléks*.

Esta variedade de *typo* é capaz por um sorriso real, de dar meia *carta*, com reforma, ou sem ella, e pôde indifferentemente ser usado pelo poder moderador, para os seus caprichosos serviços. São animaes que tem só o defeito de *amurar* ás vezes, mas que salvo este caso, são d'um trabalho *certesão* primoroso e desembaraçado.

O *ordeiro* governamental não pensa, não crê, não sonha, não se entusiasma senão pela ordem. Nasceu com aquella *bossa*, e dê-lhe Deos grande ou pequena intelligencia, subordinada, sacrifica tudo ao seu eterno idolo. Ha-os de boa fé, na-os de manha, ha-os de convicção racionada. Os ultimos estima-os, porque são homens de sciencia, e de pensamento. Entrouxam as suas predilações fatais no enxoval politico de Benjamin Constant, de Guizot, mesmo de Lamartine, e tem mesmo a notavel superioridade de firmarem as suas sympathias, pelo estudo, e pelo culto das idéas. Mas são raros! Conheço alguns, e sou-lhe profundamente affeicoado: abraça-os quando os encontro, e discuto com elles sem enfado, e aprendo muitas vezes com a sua experiencia e as suas theorias.

Os de manha, vivem á espreita das situações duvidosas. São sanguessugas conservadas no frasco, e que quando o paiz recebe uma contusão politica, saem immediatamente para lhe devorarem o sangue pisado. Meneam-se gravementé como um cavallo de cortesias, possuem um ar delicioso de protecção, e tem uma roda de *donatos* que os approvam, e os lisonjeiam assim como ligações mais ou menos estreitas com os *lobos cervaes* da agiotagem, irmandade que existe organizada em todos os partidos, e que está prompta por *modico juro* a salvar o paiz de alguma crise financeira.

Os de boa fé, são reconhecidamente *caturras*, e ajudam apenas á missa da ordem aos outros, sem mesmo provarem as *amendoas* em dia de procissão ou de festa solemne. A sua paixão essencial é o medo: á palavra anarchia fazem-se pallidos: á palavra revolução desmaiam: durante os *vivas* populares conservam-se no regimen da *agua-furtada*: raras vezes recebem *legitimas consequencias*, e contentam-se com alguma commendasita, que lhes vive eternamente pregada na casaca dos dias de festejo.

Se elles me explicassem no fim o que é a *sua ordem*, em que consiste, para que serve, que idéas apresenta, que beneficios produz, que problemas resolve, que progressos realisa? . . . Não o sabem — coitados! — o que elles entendem maravilhosamente é que isto deve estar como está, e que salvando o paiz do Costa Cabral, tudo o mais que se exija para o regenerar, para o salvar do abatimento, para o lavar da ignominia, para o fazer entrar no gremio das nações civilizadas, para o governar com idéas definidas e principios fecundos, são ameaças demagogicas, e exagerações *anarchicas*. O *ordeiro* é um mixto de contradicções, e nem mesmo elle o percebe. Empreiteiro da salvagação da patria, quasi que exi-

ge que todas as outras opiniões politicas o auxiliem na tarefa. Espinha-se quando o accusam, enraivece-se quando não admiram a sua dedicacão, e tomando como dogma a *tolerancia*, desespera-se quando não exaltam ás nuvens a condescendencia que tem de influir e dirigir os negocios do estado.

Ama a liberdade de imprensa, quando ella o não fere: deseja a liberdade de discussão, menos para os homens de idéas avançadas, a que chama *anarchistas*: a sua grande palavra, o seu eterno subterfugio são *as conveniencias*: com ella repelle todos os progressos, escarnece de todas as tentativas e accusa de *loucos* os que não commungam nas suas estereis e fallaciosas illusões.

E' teimoso por natureza, pertinaz por orgulho, e não extrahê da experiencia dos acontecimentos senão um thema de sedicões lamentações. Refugia-se no despotismo, e na reacção, com medo de exigencias imperiosas, e volta depois para o campo da opposição, quando vê a situação desfeita pelas hesitações, e sofismas do seu proprio medo.

O *ordeiro* pactua com todos, e por isso é um verdadeiro camaleão politico. Acha nos homens do *moderantismo* condições de ordem, e por isso não os combate, senão com mansões e cortezes armas. Sympathisa, até certo ponto, com os *exaltados* nas suas aspirações de liberdade e renascimento social, e por isso tambem os ajuda com tibio e repousado fervor. Mas chegado ao triumpho, acha-os perigosos, repelle-os intimando-lhe e persuadindo-lhe ao mesmo tempo que o auxiliem, e tem sempre o desejo invariavel de converter ao seu proprio culto os agentes, corrompidos ou não corrompidos, da situação vencida. Quer aproveitar as vantagens de um exercito disciplinado e prompto á abediencia, para não ter o trabalho de *ordeirar* um novo corpo de funcionarios publicos. Os antigos exageram a *ordem*, mas comprehendem-na, á custa de pr longado exercicio.

O *ordeiro* lamenta-se sempre pela necessidade que o obrigou a ingerir-se nas cousas publicas: queria o repouso do lar domestico, anciava entreter-se nos pacificos cuidados da vida familiar, mas o bem da patria exigia a sua presença, e sacrificou-se. E' a véra effigie de um *Cincinnato* em formato 32. Foram arranca-lo, não das serias vigalias do gabinete, porque o *ordeiro* não é dos maiores cultores da *tetra-redonda*, mas da bucolica missão de regar os cravos e mangericões dos vasos da sua janella. A quanto nos obrigas, ó santo amor da patria! . . .

O *ordeiro*, finalmente, é o producto, o symptoma, o symbolo triufante do adormecimento, da indifferença, da fraqueza,

do obscurantismo, e da prigueira que se apoderou das classes superiores da nossa terra. E' a negação do movimento civilizador, é a *força da inercia* das revoluções tibias e pouco vigorosas, é talvez o agente providencial que prepara o futuro, mantendo a estagnação e o apodrecimento desta sociedade, regida e desvirtuada pelos longos desvarios da formula monarchica.

Considerado assim, o *ordeiro* serve a civilização, negando-se a auxiliar as suas manifestações successivas, a aproveitar as suas aspirações incessantes. Quando soar o dia da regeneração definitiva, o *ordeiro* já não existirá senão como typo de romance, ou pretexto de caricatura litteraria, e pensará com saudade nas ditosas eras da sua ordem incompreensível, esperando que ella appareça em dia de nevoa cerrada, como D. Sebastião-o-Encuberto. Escuso affirmar que á cultura dos craves e mangericões, accrescentou a dos amores-perfeitos, e que lê sempre depois do jantar algumas das famosas discussões das côrtes, em que se consumiu um tempo precioso tratando da *coacção* e das *prerogativas da corôa*, esses themas favoritos do systema representativo, a mais parva e imbecil concepção que tem saído da cabeça dos philosophos modernos.

MODAS E THEATROS.

Eu vou fallar de modas, quer dizer, meter fouce em ceira alheia. E' verdade que tenho mais de uma vez pegado no *Journal des Demoiselles*, e tentado lêr alguns artigos; mas francamente, aquelles romances adormecem-me, e as descrições de *toilette* causam-me ataques de nervos.

E que tem isso? Eu não vou fallar de folhos, nem de rendas, de mangas curtas, ou de mangas apertadas, de côres vivas, ou de côres sombrias: a minha questão está perfeitamente incluída dentro dos limites da historia, e das considerações geraes da arte.

Uma senhora, outro dia, accusou-me de ter mau gosto, por dizer que as *toilettes* modernas deturpavam as formas femininas. Insisto na minha asserção, e affirmo de novo que é o ponto em que a civilização moderna mostra menos imaginação, e mais desprezo pelas tradições artisticas.

Qual é o escultor que desfigura a mulher, pintando-a apertada em insoffrivéis colletes, e em tyrannicos espartilhos? A Venus de Medicis terá as formas de uma das nossas alegantes, uma cintura de vespa, e o corpo imprensado? Não é até certo ponto uma profanação contra a natureza estas *injurias torturas*, a que se sujeitam ás vezes os mais bellos e

formosos bustos, dignos de servirem de modelo ao pincel apaixonado de Raphael, ou de Corregio?

Fallando, mesmo historicamente; quando Eva comeu o fructo prohibido, e teve de se cubrir de folhas de figueira, envergonhada da sua nudez, julgais acaso que improvisou um vestuario semelhante á camisa e ao collete, ao vestido de mangas apertadas das eras modernas? Já não fallo do espartilho, que isso é uma invenção diabolica, concebida talvez pelos jesuitas para se apoderarem mais depressa da herança de alguma donzella fragil e debil, ameaçada de morrer cedo dentro das barbas de baléa, e dos ilhozes aperriados e implacaveis.

Se não é dos jesuitas, é moda apropriada da inquisição. Como meio de correcção corporal, eu preferiria cem vezes o cilicio e as disciplinas, a essa tremenda maquina a que chamam espartilho, que ha de ser um thema para o horror e espanto da posteridade.

Quando é que as modas se tornaram mais elegantes e mais proximas da idealidade artistica? Foi quando a arte brilhou com esplendido fulgor na Italia. Foi no tempo de Carlos VIII, Luiz XII, Francisco 1.º, que as damas mostraram nús os braços e usaram de vestidos mais curtos, para se lhe poderem vêr os pés de fada.

E' só no seculo dezenove, o seculo da agiotagem, que nós vemos, de dia para dia, esta compressão brutal, que afasta a mulher da magestade que lhe concedeu a natureza.

Já vistes alguns retractos de damas, do tempo de Carlos IX? Dizei-me se não achais encantadores aquelles vestidos abertos adiante, aquellas mangas largas e cahidas, guardanecidas de pelles preciosas, ou sopradas, divididas d'espaco a espaco em gomos graciosos, avivadas com fitas e perolas?

E as modas dos homens? Tudo o que usamos será commodo, mas nada tem de elegante. Será um elemento de aproximação e igualdade social, mas é monotono, e quasi ridiculo. Calças largas ou calças estreitas, casaca de aba de espadim, ou de cauda de arara, tudo nos parece hediondo e repugnante. E o chapéu redondo!... As nossas modas masculinas são uma caricatura, e quem tiver bom gosto, deve retratar-se em *toilette* de banho.

Em quanto dura, aproveitemo-nos das diversões do theatro lyrico. E' quasi uma despedida, cada uma destas representações. A estação está quasi a findar, e todos estremecem, lembrando-se que tem de ouvir em breve a ultima nota de La Stoltz, ou de mad. Novello, e depois um completo silencio musical durante estes mezes de ares e de banhos.

Inspida estação para um desgraçado jornalista, que só de fugida pôde gosar das delicias do campo. Que saudosas recordações este anno teremos de S. Carlos! Quantos não darão o resplandecer do sol, e as magnificentes perspectivas do firmamento azul, pela alluminação daquelle lustre, por aquelle forro vermelho dos camarotes!...

Nestes ultimos dias tivemos o beneficio do menino Arthur Napoleão, que é de certo um prodigio musical, digno de admiração, e sobre tudo da sollicitude de um governo, se houvesse algum governo em Portugal que tratasse seriamente dos interesses e progressos da arte. Pasma o ver a facilidade com que traduz no piano as mais difficeis harmonias, como aquelles dedos abraçam os mais amplos desenvolvimentos da musica, a rapidez da sua outava, e a inspiração que lhe brilha naquella fronte juvenil, tão expressivamente talentosa! Asseguram-nos que tenta dar um beneficio no theatro de D. Maria, e será de certo imperdoavel se o mundo elegante não concorrer a prestar homenagem ao interessante artista.

Mademoiselle Bussola acabou a sua época theatral, por um triumpho obtido no seu beneficio. São visiveis os progressos desta apreciavel dançarina. Ha mais garbo nos seus movimentos, mais ligeireza nos seus passos, mais graciosidade nas suas piruetas, e sobre tudo mais *moelleux* e elasticidade nas suas *poses* em *pas-de-deux*. Teve coroas, como se fosse uma duzia de vezes rainha, e flores para poder dormir, como se diz vulgarmente, em *leito de rosas*.

A novidade mais importante é a chegada do redactor do *Periodico dos Pobres*, o sr. José de Sousa Bandeira. Cumprimentamo-lo hontem (quinta feira) n'um camarote em S. Carlos. O mais antigo jornalista da nossa imprensa periodica, de certo uma das pennas mais chistosas e populares da nossa terra, é ao mesmo tempo um liberal de firmes convicções, e apesar de pertencer ao partido moderado, tem prestado sempre um culto assiduo aos principios constitucionaes. Quando esse governo devasso e corrupto, que cahiu ha pouco, publicou a lei contra a imprensa, foi elle um dos mais decididos campeões da liberdade do pensamento, e da palavra. Apesar do *Braz Tizana* ter constantemente entre dentes o folhetinista *Rochester*, não é isso rasão para eu deixar de abraçar cordealmente o escriptor que desde 1835 pertence ao jornalismo militante—o sr. José de Sousa Bandeira.